

A INTERFACE DA MITO-POÉTICA E O PENSAMENTO FILOSÓFICO EM EUDORO DE SOUSA, VICENTE E DORA FERREIRA DA SILVA.

Giancarlo de Aguiar (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa / CFUL).

giancarlodeaguiar@gmail.com

Resumo: O presente artigo relaciona alguns excertos da obra dos autores Eudoro de Sousa, Vicente e Dora Ferreira da Silva que são apresentados nos seguintes tópicos: «1. A Expressão Mítica da Poesia Arquetípica», neste tema é interpretado a poesia de Dora Ferreira da Silva com o pensamento filosófico de Vicente Ferreira da Silva e com base na *Mitologia* de Eudoro de Sousa. A seguir no «2. Do simbólico ao Mítico-Poético» tratamos de alguns conceitos como o horizonte da complementaridade, o aórgico, a epifania poética e a diacosmese. No último tópico; «3. Filosofia e Mitologia na Origem da Poesia» consideramos o grande teatro do mundo em ocorrências trópicas.

Palavras-Chave: Mitologia, Filosofia, Poesia, Arquétipo, Epifania, Mítico-Aórgico.

1. A Expressão Mítica da Poesia Arquetípica.

Trataremos de alguns temas do pensamento filosófico de Vicente Ferreira da Silva, aquilo que concerne a qualidade mítica da poesia, a visão complementar da *Mitologia* de Eudoro de Sousa que melhor se expressa pela arte na vivência da poesia de Dora Ferreira da Silva. A manifestação poética, é uma expressão de atributos arquetípicos, que para Vicente Ferreira da Silva tem a origem no mito, isto é, na *imaginatio* prototípica divina, logo, o pensamento poético-filosófico convoca para a reflexão o significado dado pela arte, ou pela narrativa mítica, que terá o arquétipo como origem e princípio, a *Arché*, como ícone a seguir ou a representar, seja por elementos imagéticos da poesia como encontramos em Dora Ferreira da Silva, ou na mitologia, pelo rito que é celebrado, e ganha significado em magia do mito, naquilo que evidenciamos com a obra de Eudoro de Sousa através da ancestral e primeva dança-ritual, compreendendo a Natureza em sua matriz teogónica, antropogónica e cosmogónica.

Consideramos o Ser em conformidade com estas imagens prototípicas divinas, que supera a condição mundana da realidade comum, na e pela dimensão criativa, com a pulsão sugestiva de seu afazer em linguagem poética: “A nossa realidade imóvel e aparentemente

inalterável dilui-se ao contacto criador e sugestivo das potências poéticas originais.”¹. A real via de acção em movimento e criatividade, a partir desta mítica e poética condição de mudança da realidade e do mundo, é estabelecida pela própria *poiésis* em seu princípio de criação.

O compromisso de Eudoro de Sousa com a mais remota antiguidade que levou a reconsiderar o tema das origens, ao ponto de fundamentar conceitos bastante caros para sua obra, tais como *Outrora* e *Lonjura* que inevitavelmente levará para um além-horizonte extremo, contudo há uma possível transição resolutive através da poesia e da mitologia: “o nosso estudo não ultrapassará o horizonte das origens. Limitar-nos-emos, portanto, a resolver o problema do necessário trânsito do culto à poesia; noutros termos: o problema da génese poética da mitologia”².

É pela via da mitologia, que a mais Helénica das obras de Dora Ferreira da Silva, sobre tudo no que compete aos mitos, deusas e deuses é o livro *Hídrias*: na sequência do índice de seus textos, desde; *A Sibila*, *Órfica*, *Leto*, *Ártemis de Éfeso*, *Ártemis Nua*, *Apolo Hiperbóreo*, *Narciso*, *Hyacinthos*, *Dionisos Dentrítes*, *Delfos*, *Estela Funerária*, *À Tálida*, *Possêidon*, *À Grande Mãe*, *Kóre*, *Perséfone*, *Hades*, *Hécate*, *A Deusa*, e *Cinco Hídrias*. São esses os principais poemas que ilustram esta obra, desde o primeiro texto «*A Sibila*» vemos estas sacerdotisas com a visão mítica das águas que animam a psique:

Nas praças, nos templos e olivais,
um grito de louvor à Terra, dançai!
Vim sem o esplendor da aurora, mendiga,
não como as Musas de outrora, dadivosas Diotimas,
vim mendigar o que há muito vos ofertei, Poetas:
sopro-vos a garganta dilatada, vossos olhos ceguei
para que o fundo olhar se liberte. Sibila em agonia,
há tanto silenciada, falarei por vossas bocas,³.

Aqui vemos a manifestação de *Alétheia*, a verdade que se mostra e a realidade que se esquece e para longe se distancia. É importante considerar a sequência que se desenvolve

¹ Vicente Ferreira da Silva, *Obras Completas*, Vol. I - Instituto Brasileiro de Filosofia, «Filosofia da Mitologia e da Religião», 1964, p.313.

² Eudoro de Sousa, *Origem da Poesia e da Mitologia e outros ensaios dispersos*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 68.

³ Dora Ferreira da Silva, *Hídrias*, *A Sibila*, p. 27.

pelos mitos através dos ritos na distinta ligação entre o culto e a celebração até expressar na poesia que retracta a paisagem no diálogo com as personalidades míticas:

Pedras róseas que se chamaram as Luminosas.
À noite, dormem no bosque templos de ossatura branca,
vértebras pousadas entre oliveiras. (...)
a louvar a montanha, os vales e deuses soterrados.
A terra acorda às vezes e suplica que tanta luz
não lhe fira a carne, queimando arbustos e a pedra crua.⁴

A característica panteísta se apresenta com os deuses, sendo o próprio corpo da paisagem que se mostra na cósmica visão pela luminescência do mundo, se assim é, na branca pedra dos ossos dos deuses, seja pela noite escura com o reflexo da luz da lua, ou na luz do dia, do despertar que ganha significado por toda a paisagem que sente os efeitos dos raios do sol. Em Dora Ferreira da Silva uma memória litosférica se compõe não somente para dentro de si, num ambiente exterior da paisagem simbólica, mas também para fora de si, na estrutura arquetípica, a simbiose demiúrgica sensivelmente cria com sentido e cuidado o seu percurso órfico, onde a catábase é o próprio corpo poético em sequencial metamorfose na descida do abismo como encontramos na poesia «Órfica»:

Não me destruas, Poema,
enquanto ergo
a estrutura de teu corpo
e as lápides do mundo morto.
Não me lapidem, pedras, (...).
Não me tentes, Palavra,
além do que serás
num horizonte de Vésperas.⁵

A presença alusiva da helenidade se apresenta novamente com pedras, quer seja o mármoreo que se estende na escultura projectiva dos deuses que habitam o trans-fundo da alma humana, ou a própria montanha rochosa que revela ou esconde o horizonte do mar. Em

⁴ Dora Ferreira da Silva, *Hídrias*, Delfos, pp.44-45.

⁵ Dora Ferreira da Silva, *Hídrias*, Órfica, p. 30.

muitas poesias de Dora Ferreira da Silva aparece a manifestação do Oceano ou o Mar de Possêidon, e que se temos alguma dúvida sobre a importância de uma divindade que representa o oceano, como já questionara Eudoro de Sousa, podemos indagar que longas são as reticências entre a água de Tales (substância primordial) e a de Possêidon:

Dádivas colhi do Mar e a Possêidon, meu canto.
Se a terra adormece e estéril é seu repouso,
avanças, poderoso! O fundamento das coisas estremece,
rochedos fendem-se, crispa-se o arvored. Mais que os ventos,
impões o fluxo e a mudança”.⁶

A natureza anímica da água é recorrente na poesia de Dora, quando dedicada à Possêidon, sempre remetida a entidade marinha como força e poder de realização. É clara a supremacia da acção do mar em relação a terra, trazendo para ela o inesperado. Entretanto, em sua outra obra, na poesia a seguir, se apresenta como a interface entre o mar, e as outras águas que possivelmente banham rios e lagos, águas que nutrem flores flutuantes, novamente a figura do espelho da alma, que pousa na memória da imagem do lago, paisagem simbólica do inconsciente, neste olhar de «pupila silenciada?», ser-lheia a própria visão anímica, a integração arquetípica desta paisagem espiritual:

À flor das águas
reflexos de flores flutuam:
não se olham ao espelho.
É o espelho que as mira fascinado.
Em que olhar se desdobram
flores paisagem águas
em que lago ou pupila silenciada?
O crepúsculo vem trazendo um segredo
e as águas do dia já se apagam
menos as escamas brilhantes do sol
que cercam as brancas em debandada
rumo à árvore sua graça e pouso.⁷

⁶ Dora Ferreira da Silva, *Hídrias*, A Possêidon, p. 48.

⁷ Dora Ferreira da Silva, *Poemas da Estrangeira*, XIII, p.25.

Ao concretizar desta narrativa, pelo findar do dia, alusivo a visão de um oculto além-horizonte oceânico, o reflexo do sol nas águas que se vão e os pássaros que retornam à terra, ao abrigo da morada da alma – «árvore sua graça e pouso». No texto a seguir, encontramos uma característica mítica daquilo que é tratado na *Mitologia* de Eudoro de Sousa, vemos o céu e a terra unidos pelo absoluto:

O céu enlaçou a terra
seus estames castanhos
e assim foi gerada a frágil beleza
das flores.⁸

2. Filosofia e Mitologia na Origem da Poesia.

Os testemunhos do horizonte do Ser, que acaba sendo não aquilo que é em si-mesmo, mas o testemunho da sua presença, a presença do Ser marcada por traços sem limites estáveis, eis a precisa característica do mito-lógico. A vivência propriamente humana deste Ser requer um aprofundamento da alma, a *psyqué*, que ao receber a energia desta pulsão trópica equilibra o seu estado imanente e transcendente pela fascinação manifesta, não pela superfície da exaltação, mas na suprema integração: “A experiência do Ser dar-se-ia no adentrar-se, no intimizar-se, com a força trópica da *fascinatio*.”⁹ Compreendemos que para Vicente Ferreira da Silva a realidade aparente é apenas uma pequena parcela de um fundo muito mais vasto, que está oculto por uma Fonte de Atrações num plano permeável gerido em seu cerne pelo Ser, este Sugestor que actua e manifesta a energia de *Eros*, compreendido aqui pela expressão pulsional erótico em vital movimento gerador dos elementos, que se desvela ao animar e fascinar as coisas de um mundo, o cosmos que se desdobra em sua criação: “A diacosmese de um Deus é a área revelada pelos eros divino, é o que se prospeciona e delinea por força dessa teofania.”¹⁰

Do mesmo modo como em Eudoro de Sousa a poesia e a filosofia estão interligadas na sua origem pela mitologia, em Vicente Ferreira da Silva a poesia aparece como manifestação transumana, expressão do Ser, ou seja, conexão directa com a divindade enquanto matriz

⁸ Dora Ferreira da Silva, *Jardins (esconderijos)*, p.67.

⁹ Vicente Ferreira da Silva, *Transcendência do Mundo*, p.102.

¹⁰ *Ibidem*, p.103.

prototípica: “o documento originário do Ser manifesta-se na vida prototípica-divina, isto é, na Mitologia. Se para Heidegger o “pôr-se em obra” da verdade do Ser dá-se na Poesia, para nós, essa deve ser, antes de tudo, compreendida, como Poesia transumana, como Poesia em si, como vida transcendente das potências divinas.”¹¹

Esta vida transcendente revelada na poesia é o mundo regido pelo arquétipo de cada deus, a potência divina da mitologia converte-se em simbólica poesia na e pela manifestação do sagrado, epifania mitopoética das potências divinas ou elementos da natureza em sua matriz primordial? Parece que esta sucessiva manifestação procede com a aparição de uma epifania poética: “O apelo ao sagrado faz-nos romper com as possibilidades dadas, com o ente assegurado, através do vir a nós de novas possibilidades e do sortilégio de uma singular epifania.”¹². É neste ultrapassar da limitação, relativo ao ente enquanto projecção parcial do Ser que suas forças numinosas actantes manifestam em arquétipos simbólicos que vão muito além do que apenas mera consideração representativa: “A presença e manifestação das forças numinosas que desencadeiam o soerguer-se de um mundo constituem mais do que um mero fenômeno da representação,”¹³.

Compreendemos que é pela transcendência no processo do desvelamento que o humano encontra novas visões e sentidos de si mesmo e do divino, ou seja, da Natureza. Vicente Ferreira da Silva não apenas realiza um entendimento racional, mas chama a atenção pela abertura de uma nova visão, com o despertar da consciência, que passa pela vivência humana, de valorizar a mitologia viva, cuja pulsão mítica se manifesta na consciência a partir do próprio Ser: “Uma nova valorização do conteúdo da mitologia supõe, entretanto, uma nova compreensão do nosso próprio ser, a partir das potências míticas.”¹⁴. Embora o autor aqui tenha enfatizado mais a transcendência, é importante ressaltar o factor complementar da imanência, a primeira ligada ao mito e a segunda ao rito, ambas celebradas promovem a integração do estado mítico do Ser, que na poesia expressa a sua linguagem imagética prototípica divina.

É por esta matriz do sistema *Aórgico* (aquilo que não é feito pelo humano) que para o autor que tratamos, teve influência de Hölderling e Nietzsche¹⁵. É importante repensar o prototípico a partir da primeira expressão da divindade enquanto natureza, contudo é pelo arqué-

¹¹ Vicente Ferreira da Silva, *Transcendência do Mundo*, p. 103.

¹² *Idem*.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ Vicente Ferreira da Silva define o aórgico como: “O aórgico é o não posto pelo homem, é o que não se apresenta como um resultado da produtividade artístico-criadora do sujeito. A valorização do aórgico foi defendida, em forma preparatória, por Hölderling, e depois por Nietzsche, em sua reivindicação da sabedoria do corpo e das forças dionisiacas.”, cf. a obra *Transcendência do Mundo*, p. 111.

típico que desvela a sua própria origem. A abrangência deste conceito em Vicente Ferreira da Silva ganha um vasto sentido ao afirmar que:

o próprio homem não foi lançado no destino da antropogênese por uma iniciativa ou deliberação próprias, mas por uma instauração meta-histórica, por uma destinação do Ser, somos forçados a ampliar o significado do aórgico. Não podemos mais opor a artístico ao natural, o voluntário ao instintivo, a negatividade ao automorfismo da natureza, desde que essa negatividade do sujeito foi posta pela matriz como desempenhável aórgico do homem.¹⁶

Para Vicente Ferreira da Silva a limitada condição da natureza humana está dependente da sugestão aórgica do Ser que rege o domínio do mítico: “A própria ideia do homem consubstancia uma sugestão aórgica do Ser e não uma conquista da liberdade humana: somos condenados ao drama da antropogênese e não temos arbítrio para alterar a nossa dotação mítica”¹⁷. Entretanto se a poesia é a manifestação da epifanéia mítica, esta ser-lhe-ia precisa enquanto libertação do domínio senão do Sugestor, ao menos do sugerido. A sugestão aórgica está para o mítico em domínio do Ser, a condição do trans-humano que permite superar a experiência ontológica, nesta qualidade de ultrapassar a condição do ser, que para Eudoro de Sousa apresenta a partir do conceito de *Ultra-Ser*.

Contudo para Vicente Ferreira da Silva a complexidade não ultrapassa a condição humana, pelo contrário, concentra e integra o vasto sentido do mítico-aórgico, mesmo que a vivência do transcendente seja registada, a vida autóctone ainda depende de seu lugar, o *habitat*, a paisagem natural aonde o verdadeiro culto é o do santuário aberto para a liberdade do Ser: “A totalidade do mítico-aórgico tem em si mais rumos que os consignados no profenômeno do hominídeo, sendo um infinito de vida autóctone e transcendente documentado historicamente nos protocolos do relato mítico da práxis sagrada do culto”¹⁸. O intuito pelo qual é dedicado e realizado o culto, enquanto dinâmica do processo ritual do mito celebrado, sugere a vivência pessoal e colectiva do estado trans-humano ou transpessoal, na busca do desvelar pela des-ocultação do divino. Cabe ao estado da consciência humana a superação da antropofania pela epifania da mito-poética arquetípica, o princípio de criação da *poiésis* ganha significado pela sabedoria do não-humano, contudo acessível a experiência humana através do rito e mito que pela poesia na sua origem é a sabedoria mítica do trans-

¹⁶ Idem.

¹⁷ Ibidem, 111.

¹⁸ Vicente Ferreira da Silva, *Transcendência do Mundo*, 111.

humano, talvez seja este o ponto central do pensamento filosófico de Vicente Ferreira da Silva.

3. Do simbólico ao Mítico-Poético.

O mundo na esfera simbólica, para Vicente Ferreira da Silva, manifesta pela fascinação de ocorrências trópicas, o teatro enquanto actuação narrativa de um jogo que não é como um outro qualquer, se não se tratasse da totalidade da Vida, é importante dizer, da vida dos humanos e não só, também dos entes não humanos, e do campo dos seres arquetípicos, os deuses e demais representações míticas das ideias eternas. O ente em contacto com um universo mais vasto, que suscita a pulsão da substância trópica do flutuar das marés passionais no constituinte anímico do complexo orgânico, que compreende a corporalidade da vida do Ser em sua integração mítica e arquetípica: “Os deuses não devem ser pensados como representações teóricas como espectáculos de uma fruição intelectual, mas como ocorrências trópicas, como suscitação de marés passionais, cuja essência se esgota nessas aberturas fascinantes”¹⁹.

A actuação humana no mundo ao manifestar-se com a experiência do Ser gera atributos da vontade alterando o projecto da realidade, instaurado a partir desta abertura um novo cenário; “o fundamento do real não deve ser buscado fora do âmbito da nossa consciência, pois a subjectividade abraça o mundo e o alimenta de sua própria interioridade”²⁰, eis a transformação pela mudança da sugestão trópico-pulsional que muito se aproxima da concepção do impulso mítico descrito por Eudoro de Sousa, ou seja, a actuação da consciência humana em seu mundo determinado pelo cosmos, a metamorfose enquanto mutação, e a catábase na referida descida ao abismo pela imanência enquanto o pólo oposto complementar ao transcendente.

Talvez a Cultura tenha ao longo do percurso humano no planeta ocultado na sua dimensão mito-poética o sentido e a verdade mais profunda do próprio ser e do existir. Mas a história cronológica nem tudo assimila, pois do visível ao invisível, e entre o lógico e o mítico haverá sempre lacunas de cifras, quiçá indecifrável perante o problema que sempre se coloca: “Como pode o mito configurar a cultura que manifestamente o recusa?”²¹. Como já foi visto, em Eudoro de Sousa esta recusa vem do próprio homem que recusa a si mesmo, ou ainda,

¹⁹ Idem.

²⁰ Ibidem, p. 57.

²¹ Eudoro de Sousa, *Mitologia, História e Mito*, parágrafo 10, p.34..

recusa o próprio mundo que habita, e assim busca o novo plano de cultura para a constituição de seu outro mundo: “«o plano» do traçado, o que designa cada traço [cultural] a sua posição, de modo a configurarem-se, todos eles, em ‘cultura’, num ou noutra tipo de relação entre ‘homem’ e ‘mundo’ – é mito»²².

Encontramos em Eudoro de Sousa duas distintas definições do mito: “Na verdade, «mito», umas vezes se refere a um relato mítico, outras vezes, ao impulso para criá-los, (...) basta escrever ou falar de impulso mítico, ou de mito, conforme for o caso”²³. Portanto as raízes mais antigas de qualquer mito estão no impulso mítico criador, que em última instância deverá ser considerado também como arquétipo e símbolo que nos leva a tratar das relações entre a imagem e movimento e a linguagem da estrutura original enquanto expressões do mítico:

O problema da precedência do mito em relação ao rito ou do rito em relação ao mito, ou, ainda, ao da necessária conexão entre ambos -, diria que um ritual comprovadamente desligado de qualquer mito bem pode ser, ele mesmo, o mítico expresso em actos que dispensam a mediação da palavra, o que, aliás, muito compreensível se torna, por analogia com as artes. Só a poesia é linguagem em sua expressividade original. O mito é uma entre outras expressões do mítico,²⁴

A precisa relação entre rito e mito, ou fora desta dependência, o mítico impulso do ritual caracterizado como arte, transcende a dual relação anterior, é também superado pela poesia que acede a expressão original, o *Arché*? A *poiésis* como origem da criação manifesta na linguagem poética do seu estado mítico?

É na *Origem da Poesia e da Mitologia* que Eudoro de Sousa explicita: “o imenso horizonte de um passado que é, agora, o mesmo que foi, outrora; descubrem, numa palavra, o grandioso teatro do que é eterno no homem”²⁵. A Eternidade como princípio de criação e manifestação na vida apresenta-se em actuação do inconsciente pelo teatro oculto quando “a verdade da poesia começa a revelar-se-lhe no trânsito da forma sensível para a ideia inteligível”²⁶. A partir do corpo poético pela consciência da experiência deste fundo espiritual que pela acção ritual sintetiza e converte em poesia naquilo que é da fonte e origem da mitologia;

²² Ibidem, p.34-35.

²³ Idem, parágrafo 12, p.36.

²⁴ Idem, parágrafo 12, p.36-37.

²⁵ Idem.

²⁶ Ibidem, p.70.

é na poesia que se irá procurar a origem da mitologia. E se assim não for então buscaremos, por outra via, ao nosso ponto de partida: além da poesia, ao primeiro grau de consciência religiosa -, ao momento fenomenológico da religião, em que a divindade sem nome, permanece indissolúvelmente ligada a acção ritual²⁷.

Terá o mítico e o poético a capacidade de reunir e sintetizar as várias culturas que contribuam para complexa relação do Homem e Mundo? Encontramos em Eudoro de Sousa algumas confirmações que ajudam para o entendimento destas interrogações, como esta relação antagónica e ao mesmo tempo de complementar e de inegável presença na repercussão histórica deste Projecto, que projecta a chamada Cultura:

à existência histórica tenham vindo culturas inegavelmente adversas ao seu mito, nas quais, por conseguinte, ao «mítico» se contrapõe ao «lógico» e ao mito se opõe uma verdade tanto mais verdadeira quanto menos comprometida com o tão muito ou o tão pouco mítico que lhe oferece a poesia, em qualquer de suas dimensões artísticas.²⁸.

Em Vicente Ferreira da Silva encontramos um fenómeno de forças atractivas de uma ontologia sob interferência mítica: “o fenómeno de abertura projectiva como “fascinação”, como irrupção de um espaço de apetecibilidade, como o ser arrebatado por um campo de forças atractivas, estaremos em condições de elucidar, não só a estrutura ontológica do nosso ser, como também penetrar nos arcanos do processo mitológico”²⁹. Os arquétipos que são banhados por esta energia de acção trópica regem e reagem no processo mítico constituindo o grande teatro em cósmicos palcos, limite da vivência humana e a transcendência de seu mundo.

O conteúdo simbólico da metamorfose se apresenta para além da consciência pessoal, os símbolos ganham significado quando representados na e pela dimensão sensível e inteligível do poeta, em lúdica manifestação imagética de corpos físicos e anímicos: “A sensibilidade do poeta, alerta para as conexões mais profundas, sempre procurou transfigurar o real, substituindo o sortimento de imagens imediatas por outro mundo de figuras e de corpos”³⁰.

²⁷ Eudoro de Sousa, *Origem da Poesia da Mitologia*, p. 78.

²⁸ Eudoro de Sousa, *Mitologia, História e Mito*, parágrafo 10, p.34.

²⁹ Vicente Ferreira da Silva, *Obras Completas I*, pp.301-302.

³⁰ *Ibidem*, p.131.

Este mundo que habita a poética, onde o ser é o próprio cosmos e desvela a sua origem e destino, como o poeta que escreve e faz linguagem, a partir da *poiésis*, do próprio princípio de criação? Para Vicente Ferreira da Silva esta origem do ser pela palavra está na base da poesia; “A poesia é a fundação do ser pela palavra. Vemos como se manifesta nestas linhas o sentido órfico da poesia, ilustração de um facto metafísico.”³¹. A escuta atenta da iniciação órfica reverbera o sentido da poesia que se manifesta no ser, a personificação demiúrgica: “Não é difícil compreender o sentido extraordinário conferido a palavra poética e portanto à arte, no círculo do pensamento existencialista: a função demiúrgica e sacral do poeta volta compreendida no seu mais autêntico sentido”³².

Após o silêncio absoluto contido na base do ser, e ao despertar da energia de potência vital, que ressoa as imagens e os sons de manifestações que percorrem a raiz sacral, em vertebbras circulares de ascensão trópico-pulsional transcendente. Do estado onírico que se expressa em linguagem poética na busca de sua unidade, enquanto síntese de polaridades cria uma nova realidade de mundo, a criação de um cosmos. Qual a origem desta elucubração da poética pelo ser, ou pelo próprio demiúrgico, que se mantém efectivamente no prosseguimento da ontogénese para a integração do *Ultra-Ser*?

É pela visão poética e na energia da força poética que arrebatada e transcende o ser enquanto superação de si mesmo no seu mundo. A transfiguração e metamorfose é o resultado da fruição poética para novos horizontes, é nesta linha de ultrapassagem do ser que o estado onírico se manifesta no sentido órfico, a poesia se converte em sinais de manifestações da arte.

Vicente Ferreira da Silva explicita a poética filosófica demiúrgica: “forjador de novos sentidos, de demiurgo capaz de doar aos homens novos temas para o seu exercício vital. «O poeta evoca os deuses e evoca as coisas naquilo que elas são. A poesia é fundação do ser pela palavra.»”³³. Para Vicente Ferreira da Silva é neste invocar e convocar dos arquétipos que o demiurgo realiza a mediação entre estados de realidade, ou na condição de co-criação possibilitando estar diante da presença humana, e também fora dela, enquanto a passagem do humano para o trans-humano: “esse semideus, esse herói, esse fundador capaz de despertar no coração do homem a sede de realizações inéditas”³⁴.

Trata-se primeiramente de uma iniciação, não somente de carácter filosófico teórico, sobretudo, prático e vivencial, poderia-se pensar sobre uma filosofia da natureza, aonde a

³¹ Vicente Ferreira da Silva, *Dialéctica das Consciências e outros ensaios*, «Prelúdio de Metamorfoses», p.138.

³² Idem.

³³ Ibidem, «O Demiurgo», pp. 318-319.

³⁴ Idem.

poiésis enquanto princípio de criação é a genuína expressão da cultura, de forma lúdica e criativa com a presença da alma humana na manifestação pela arte, que caracterizamos aqui na poesia com o olhar da filosofia para compreender e interpretar a acção demiúrgica.

Realizamos uma aproximação entre as obras de Eudoro de Sousa no que concerne a sua teoria mitológica e de Vicente Ferreira da Silva no que diz respeito ao pensamento com profundas bases de princípios filosóficos e mitológicos, cuja experiência escrita da poeta Dora Ferreira da Silva resgata a cultura através do seu e universo simbólico, nas suas raízes mais profundas, da própria vida e da alma humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, Dora Ferreira da, *Jardins (esconderijos)*, São Paulo, (edição da autora), 1979.

_____, *Poemas da Estrangeira*, São Paulo, T.A. Queiroz, 1995.

_____, *Hídrias*, São Paulo, Odysseus Editora, 2004.

SILVA, Vicente Ferreira da, *Obras completas*, prefácio de Miguel Reale, São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia, volume I, 1964.

_____, *Dialéctica das Consciências e outros ensaios*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, INCM, 2002.

_____, *Transcendência do Mundo*, Obras Completas, organização, edição de texto e notas de Rodrigo Petronio, São Paulo, ed. é-realizações, 2010.

SOUSA, Eudoro, *História e Mito*, Brasília, cadernos da UnB, Editora da Universidade de Brasília, 1981.

_____, *Mitologia*, Lisboa, Guimarães editores, 1984.

_____, *Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios dispersos*, org. Joaquim Domingues, apresentação Paulo A. E. Borges, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000.

